

VH 10.5.74
DN 5.9.48
CM 23.7.53

M 594

M 244

DN 19.11.66
RN 305

RUBEM BRAGA

RECEBO uma carta anônima. . . Não é a primeira que me vem; é entretanto a mais bela de tôdas as cartas anônimas. E me comove nesta manhã de sol, porque é um gesto de beleza.

Trata-se de uma “corrente”, dessas que a gente deve copiar várias vezes e mandar a várias pessoas diferentes. Mas não se trata aqui de receber ou mandar nenhum dinheiro, nem de fugir à maldição de desastres. Não se apela para a nossa vã cobiça nem para a nossa vil superstição. O que devo mandar, anonimamente, a seis pessoas, é um poema de Pablo Neruda. Se fôsse um poema político, seria propaganda. Mas é apenas o vigésimo daqueles “Veinte poemas de amor e una canción desesperada”. Releio com emoção êsses versos: “Puedo escribir los versos más tristes esta noche”. É um poema de amor e de saudade; nada mais. Êle pensa na amada que já não o ama e diz: “De otro, Será de otro, Como antes de mis besos. Su voz, su cuerpo claro, Sus ojos infinitos”.

Há neste Rio de Janeiro, em meio a tanta tropelia vulgar e triste, uma pessoa que se emociona com um poema e conspira pela poesia. E manda êste apêlo anônimo e por

A CORRENTE DE POESIA

isso nobre, e por isso grave e puro. “Porque en noches como ésta la tuve entre mis brazos, mi alma no se contenta con haberla perdido”.

Há mais de trinta e cinco anos atrás um môço, no Chile, sofria a dor do desprêzo, tão banal e tão ruim, e fazia versos quase vulgares, ainda que belos. Sùbitamente alguém acha que é urgente que todos saibam êsses versos; e pede a seis pessoas que metam carbono em sua máquina e mandem a mais trinta e seis, que os mandarão a mais duzentas e dezesseis, que os mandarão a mais mil duzentas e noventa e seis, que os mandarão a mais sete mil oitocentas e seis. . . dezenas, centenas de milhares, milhões de pessoas a ler: “Como no haber amado sus grandes ojos fijos. . .” ou “Pensar que no la tengo, sentir que la he perdido”.

Não sei, mas não sinto ânimo de continuar a corrente. Alguma coisa me parece sùbitamente de uma tristeza monstruosa na progressão geométrica dêsse lamento noturno. “Mi corazón la busca, y ella no está comigo. . .” Relembro a voz do poeta e ouço a mesma voz grave murmurando isso em milhares de bôcas — e essa multiplicação mórbi-da e bela me faz mal.

comigo

comigo

M 594 7-9-63